

EUGENE H. PETERSON

A LINGUAGEM DE DEUS

Traduzido por FABIANO MEDEIROS

Parte 1

Jesus em suas histórias

Jesus em Samaria Lucas 9:51—19:27

É uma tremenda ironia que Jesus, cujas palavras criam e formam nossa vida, jamais tenha escrito uma palavra, pelo menos não uma palavra que jamais tenha sido preservada. Aquelas palavras que ele escreveu na areia em Jerusalém, usando o dedo como lápis, desapareceram no aguaceiro seguinte. Não obstante, conhecemos a Jesus como homem das palavras. Ele é, afinal de contas, a Palavra tornada carne.

Mas ele não deixou nada escrito. Ele falou. Jamais teve um editor, jamais deu uma noite de autógrafos, jamais mergulhou a pena num frasco de tinta. A linguagem para Jesus resumia-se exclusivamente a sua voz: “falou, e tudo se fez” (Sl 33:9).

Mas sem dúvida alguma suas palavras foram, naturalmente, escritas — e publicadas. Talvez as palavras de nenhuma pessoa foram reproduzidas em forma impressa em tantos manuscritos e livros impressos quanto as palavras de Jesus. Ainda assim, é importante manter em mente essa qualidade oral original, essa voz viva de Jesus, as palavras *faladas* que saíram de sua boca e entraram na vida de homens e mulheres por meio de ouvidos abertos e corações cheios de fé. As palavras escritas, por mais importantes que sejam, são um passo gigantesco para longe da voz que fala. Deve-se fazer um esforço resolutivo para ouvir a voz que fala e para escutá-la, não apenas olhar para ela e estudar a palavra escrita.¹

* * *

A língua é antes de mais nada um meio de revelação, tanto para Deus quanto para nós. Usando palavras, Deus revela-se a nós. Usando palavras, nós nos revelamos a Deus e uns aos outros. Por meio da linguagem, todo o ciclo de falar e escutar, tanto Deus quanto seus homens e mulheres criados pela Palavra são capazes de revelar vastos interiores antes inacessíveis a nós.

Temos aí algo importante. Importante para nossa reflexão, uma vez que não é óbvio. E importante para reconsiderarmos continuamente, uma vez que nossa vasta indústria da comunicação trata a linguagem acima de tudo como informação ou estímulo, não como revelação. Muitas vezes, quando a palavra “Deus” é usada em nossa sociedade, é reduzida a uma informação, impessoalizada em mera referência ou rebaixada a blasfêmia. George Steiner, um de nossos autores mais perceptivos dentre os que escreveram sobre a linguagem, sustenta, de forma poderosa, que transmitir informação não passa de uma função marginal e altamente especializada da linguagem.² Mas a linguagem que aprendemos na companhia de pais, irmãos e amigos tem sua origem no Deus revelador. Tudo o que falamos e escutamos ocorre num mundo de linguagem que é formado e sustentado pelo falar e pelo escutar de Deus. As palavras que Deus usa para criar, dar nomes, abençoar e ordenar em Gênesis são as mesmas palavras que ouvimos Jesus usando para criar, dar nomes, curar, abençoar e ordenar nos Evangelhos. Jesus fala, e ouvimos Deus falar.

O JESUS QUE CONVERSA

A linguagem de Jesus, conforme relatada a nós pelos evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João, suas testemunhas, é às vezes denominada pregação e, em outras ocasiões, ensino. Mesmo assim, boa parte do tempo encontramos Jesus falando de maneiras que não são nem pregação, nem ensino. Nós o encontramos falando informalmente num intercâmbio conversacional enquanto faz suas refeições na casa de alguém ou com amigos, percorrendo campos ou às margens de um lago, ou respondendo a várias interrupções e perguntas enquanto vai a um lugar ou outro. É esse terceiro uso da linguagem, o informal e espontâneo, que me interessa neste contexto.

* * *

A pregação vem em primeiro lugar. É o tipo de linguagem que define, tanto no significado quanto no tom, aquilo de que Jesus se ocupa. As primeiras palavras saídas da boca de Jesus, conforme relata Marcos (que foi o primeiro a escrever um evangelho), foram em forma de pregação: “Jesus foi para a

Galileia, proclamando as boas-novas de Deus. ‘O tempo é chegado’, dizia ele. ‘O Reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas-novas!’” (Mc 1:14-15). Ele concluiu seu sermão com um apelo que foi atendido por quatro pescadores. Estava a caminho.

Pregação é proclamação. A pregação anuncia o que Deus está realizando aqui e agora, neste momento e neste lugar. Também convoca os ouvintes a corresponder a contento. Pregação é a notícia, as *boas* notícias, de que Deus está vivo, presente e agindo: “Talvez você não soubesse, mas o Deus vivo está aqui, bem aqui nesta rua, neste santuário, nesta vizinhança. E está agindo agora. Está falando agora — neste exato momento. Se souber o que é bom para você, desejará engajar-se nisso”.

Todos os escritores do Evangelho dão-nos uma orientação completa sobre a pregação de Jesus, mas Marcos destaca-se como um primeiro entre iguais: sua linguagem vigorosa, urgente, consegue com grande destreza manter diante de nós o aqui, o agora e o pessoal.

A pregação é uma linguagem que nos envolve pessoalmente com a ação de Deus no presente. Chama atenção na pregação o fato de que ela consegue transmitir o pessoal e o presente. Não se permite ao ouvinte supor que as palavras pregadas sejam para qualquer outra pessoa que não ele mesmo. O ouvinte não pode tentar se safar supondo que as palavras pregadas sejam sobre algo que aconteceu há muito tempo ou mesmo ontem, ou que sejam sobre o que acontecerá no futuro, quer próximo, quer distante. A pregação revela Deus em ação aqui e agora — por *mim*. Qualquer insipidez que ouvimos de pregadores e de seus imitadores, podemos ter certeza de que não se originou em Jesus.

Aquele dia, em que Jesus inaugurou seu ministério público na Galileia por meio da pregação, foi o último em uma longa tradição, de mais de mil anos, de grande pregações que tinham acabado de ser resgatadas pelo primo de Jesus, João Batista. Depois de Jesus, a tradição continuou em Pedro e Paulo, em Crisóstomo e Cipriano, em Ambrósio e Agostinho, em Francisco e Dominique, em Lutero e Calvino, em Wesley e Whitefield, em Edwards e Finney, em Newman e Spurgeon. A pregação continua a ser a linguagem mais fundamental para transmitir a revelação de Deus em Cristo Jesus, proferidas

a partir de esquinas e púlpitos por todo o mundo: Deus vivo, em operação e falando, aqui e agora, a você e a mim.

Jesus também usou a linguagem para ensinar. Ao contrário do ensino com que estamos habituados em nossas escolas, palestras projetadas para pensar em nosso lugar, o ensino de Jesus reluzia com aforismos cintilantes. Mais do que transmitir informação, ele estava remodelando nossas imaginações com metáforas, de modo que pudéssemos interiorizar a verdade viva e multidimensionalizada que é Jesus. Todos os evangelistas incluem em seu evangelho o ensino de Jesus, instruindo-nos detalhadamente sobre o que significa viver neste reino de Deus. Mas Mateus é o evangelista que nos fornece o maior testemunho sobre o ensino de Jesus. Ele agrupa os ensinamentos de Jesus em cinco grandes discursos (talvez numa lembrança dos cinco livros de Moisés?): O Sermão do Monte (Mt 5—7), Instruções aos Doze Discípulos (Mt 10), Instruções para a Comunidade (Mt 18), Advertência contra a Hipocrisia (Mt 23), Ensino sobre as Últimas Coisas (Mt 24 e 25).

Viver dia a dia neste mundo, no qual Deus está presente e ativo a nosso favor e para a nossa salvação, implica cultivar uma percepção minuciosa do que está em jogo em cada aspecto da nossa vida. Muitas vezes dicotomizamos nossa vida em pública e confidencial, espiritual e secular, retalhando-a em partes separadas, e depois guardamos cada parte em escaninhos etiquetados de fácil acesso, para quando sentimos vontade de tratar de cada setor. O ensino reúne as partes, estabelece conexões, demonstra relações — “liga o pontilhado”, como dizemos. Assim, Jesus nos ensina, esmiúça os detalhes de tudo aquilo contra o que estamos posicionados, das decisões e dos discernimentos que precisamos fazer, dos meios e métodos adequados para vivermos esta vida do reino, na qual Jesus é rei. O ensino de Jesus, tanto na Galileia e em Jerusalém quanto agora da forma em que é reproduzido por nossos professores e mestres, geralmente se dá na companhia de outros, alguns que são irmãos e irmãs em obediência e outros que acabam se mostrando indiferentes ou mesmo hostis.

Em seu ensino, assim como em sua pregação, Jesus vive a partir de uma longa tradição: os livros de Moisés, que têm por ápice Deuteronômio, depois Provérbios e Eclesiastes, e depois o conselho e a sabedoria tecidos na malha magnífica do cuidado pastoral que encontramos nos profetas e nos sacerdotes

de Israel. Esse ensino também continua na vida da igreja à medida que nossos pastores e teólogos nos treinam no cultivo de uma obediência inteligente e fiel enquanto lidamos com política, negócios, assuntos de família, fracassos e sofrimentos, levando vida íntegra e integrada. O ensino faz ressurgir palavras mortas para que vivam outra vez. Ocupa um grande espaço na forma em que usamos a linguagem nesta nossa vida como seguidores de Jesus.

A pregação e o ensino são usos destacados da linguagem entre as pessoas que falam e testificam, que oram e dão orientação na comunidade cristã. Normalmente separamos homens e mulheres e os treinamos em escolas e igrejas para serem pregadores e professores. Há muito que aprender. Há muito de que se resguardar. Precisamos de pregadores e mestres que nos mantenham focados em Deus por meio de Cristo e nos alertem para as idolatrias sedutoras que nos rodeiam. Na maioria dos casos, estamos bem servidos de pregadores e mestres que compreendem o que está acontecendo no reino, que não se desviarão facilmente daquela única coisa “necessária” e que se aplicam à fidelidade e à renovação de nossa mente. A pregação e o ensino são bastante bem definidos quanto ao modo e conteúdo e ocorrem em geral em contextos públicos.

Mas há um terceiro tipo de linguagem da qual todos participamos, independentemente de nosso papel na comunidade, quaisquer que sejam nossas aptidões e capacidades. Já defini essa linguagem acima como “intercâmbio conversacional [informal que se dá] enquanto faz suas refeições na casa de alguém ou com amigos, percorrendo campos ou as margens de um lago ou respondendo a várias interrupções e perguntas enquanto vai a um lugar ou outro”. Em qualquer contagem semanal de nosso uso da linguagem, esse tipo de discurso excede de longe qualquer coisa que falemos ou escutemos que pudesse ser designada pregação ou ensino. Quando Jesus não estava pregando e quando não estava ensinando, ele falava com homens e mulheres com os quais convivia a respeito do que estava acontecendo naquele momento — pessoas, acontecimentos, perguntas, o que quer que fosse — usando as circunstâncias da vida deles como seu texto. Muito à semelhança de como fazemos. A pregação inicia-se com Deus: A palavra de Deus, a ação de Deus, a presença de Deus. O ensino amplia o que está sendo proclamado, instruindo-nos nas

implicações do texto, nas verberações da verdade ocorridas no mundo, nas formas específicas em que a Palavra de Deus modela com detalhe nosso modo de viver entre o nascimento e a morte. Mas as conversas informais, não estruturadas, brotam de episódios e encontros de uns com os outros que se dão no curso normal da vida com nossa família e nos locais de trabalho, em parques e nas compras de supermercado, em aeroportos à espera de um voo e andando com amigos de binóculos na mão, divisando pássaros. Muitas das palavras que Jesus falou são dessa natureza. Não somos, na maioria, pregadores ou professores, ou ao menos não somos designados como tais. As palavras que falamos são comumente proferidas em contextos do cotidiano, quando comemos e bebemos, quando compramos ou viajamos, fazendo o que às vezes minimizamos como “conversa banal”.

Todos os evangelistas atuais mostram Jesus usando esse tipo de linguagem, mas a revelação mais prolongada de Jesus usando essa linguagem informal e não estruturada acha-se no evangelho de Lucas. O que Marcos faz pela pregação e Mateus faz pelo ensino, Lucas faz pelo intercâmbio informal de linguagem que ocorre nas idas e vindas de nossa linguagem comum.

A NARRATIVA DA VIAGEM, DE LUCAS

No centro do evangelho de Lucas (Lc 9:51—19:44), há uma inserção de dez capítulos que põem em destaque exatamente esse tipo de linguagem informal entre Jesus, seus seguidores e outros homens e mulheres que ele encontra ao longo do caminho. A seção é emoldurada por referências a uma saída da Galileia (9:51) e depois a uma chegada a Jerusalém (19:11,28,41). Por causa dessas referências que servem como uma espécie de moldura, essa passagem é normalmente designada a Narrativa da Viagem. A maior parte do material contido nesses dez capítulos é encontrada somente em Lucas.

Nossos três primeiros evangelhos seguem um esboço semelhante, com muita similaridade no conteúdo e na disposição. Não exatamente copiam um ao outro, pois cada evangelista tem uma maneira própria de contar a história, salientando aspectos que de outra forma ficariam despercebidos. Em linhas gerais, Marcos se detém nas qualidades pregadas e querigmáticas da linguagem de Jesus, e Mateus realça as qualidades do ensino, didáticas. Mas Lucas tem

um interesse particular em nos imergir nos aspectos conversacionais da linguagem de Jesus. Por isso Lucas interrompe o enredo apresentado por aqueles que vieram antes dele na composição dos Evangelhos, Mateus e Marcos, e interpõe essa longa seção, que se constitui na maior parte de material original, no centro de seu evangelho. Os primeiros nove capítulos do evangelho de Lucas contam a história do ministério galileu de Jesus, seguindo o padrão estabelecido por Mateus e Marcos. A história galileia assenta os alicerces da nossa vida em Cristo. Os cinco últimos capítulos contam a história da semana final do ministério de Jesus em Jerusalém — Jesus rejeitado, crucificado e ressurreto para uma nova vida — e também seguem Mateus e Marcos. A história de Jerusalém consuma a nossa vida em Cristo: crucificação, ressurreição.

O que Jesus disse e fez nos primeiros anos na Galileia está vinculado com o que aconteceu nessa última semana em Jerusalém. A transição entre os dois lugares é narrada como uma viagem por Samaria, a região que separava a Galileia de Jerusalém. Se não um território inimigo exatamente, Samaria era ao menos, sem dúvida, território hostil. Samaritanos e judeus tinham tido várias centenas de anos de inimizade entre si. Não se gostavam nem confiavam uns aos outros. Houve casos de violência aqui e ali, e até mesmo encontros sangrentos. Josefo conta a história de um episódio em que os samaritanos assassinaram alguns peregrinos galileus que estavam atravessando Samaria em sua trajetória para uma festa em Jerusalém. Guerrilheiros judeus então atacaram aldeias samaritanas por vingança.³ Deslocar-se da Galileia para Jerusalém era uma viagem perigosa de aproximadamente 100 a 110 quilômetros — uma viagem de uns três a cinco dias num jumento ou a pé.

É ao viajar por Samaria, indo da Galileia para Jerusalém, que Jesus separa um tempo para contar histórias que preparam seus seguidores a trazer o comum da vida a uma percepção consciente e a uma participação nessa vida do reino. Jesus anuncia a seus discípulos que está indo para Jerusalém para ser crucificado, e os chama para acompanhá-los. Andando juntos todos aqueles dias, ele os prepara para a vida que terão após a crucificação e a ressurreição dele. Alguns acontecimentos bem marcantes estão se aproximando. A vida deles será mudada de dentro para fora. Mas ao mesmo tempo vão lidar com as mesmas pessoas, com as mesmas rotinas, com as mesmas tentações, com

a mesma cultura romana, grega e hebraica, com os mesmos filhos e com os mesmos pais, com a mesma espera às vezes interminável, enfrentando a indiferença de tantos em relação a eles, lidando com as hipocrisias enlouquecedoras dos cheios de justiça própria, com a estupidez da guerra, com os absurdos do consumo inegável e com as mentiras dos governadores arrogantes. Tudo terá mudado e, no entanto, nada terá mudado. Jesus os está preparando para viver num mundo que não conhece nem quer conhecer Jesus. Jesus os está preparando (a nós também!) para levarem uma vida de crucificação e ressurreição, com paciência e sem alardes, de forma obediente e sem reconhecimento. Ele os prepara nessas conversas samaritanas para fazer tudo isso calma e corajosamente num vínculo com a maneira em que Jesus o fez e com a maneira em que Jesus falou a respeito. Ele deixa claro que logo, quando ele não estiver mais fisicamente com eles, sem dúvida alguma *não* estarão sozinhos para realizar a obra da maneira que julgarem melhor. Como ele a está realizando, o caminho da cruz, deve continuar. Mas é interessante e significativo que Jesus não usa a linguagem da crise. Ela fala numa conversa, mal erguendo a voz. Na maior parte do tempo, ele conta histórias. Alguns de seus seguidores (embora não todos) jamais esquecerão essas histórias.

Há um tipo de intimidade que se desenvolve naturalmente quando homens e mulheres andam juntos e conversam, sem prioridades imediatas ou tarefas atribuídas, a não ser chegarem por fim ao seu destino e usando o tempo que for necessário para tanto. Mateus e Marcos não desperdiçam nenhum tempo para nos levar da Galileia a Jerusalém. Lucas nos faz diminuir o ritmo, e usa todo o tempo necessário. Lucas aproveita a oportunidade de usar essa cena de uma viagem sossegada e a pé por estradas, para ampliar e desenvolver a espontaneidade de conversas não estruturadas, enquanto Jesus e seus discípulos viajam da Galileia a Jerusalém — Jesus respondendo a perguntas, Jesus conversando em torno da mesa da ceia, Jesus falando sobre várias coisas com seus amigos, Jesus contando histórias. O que Mateus e Marcos buscam cada um cobrir em dois capítulos, Lucas estende em dez. Ele nos faz mergulhar no modo em que Jesus usa a linguagem à medida que ele lida com o comum e o esporádico. Jesus não tem pressa — podendo sempre ser interrompido. É assim que Jesus usa a linguagem quando não está pregando nem ensinando.